

ENSAIOS REUNIDOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE OTTO MARIA CARPEAUX PARA A CRÍTICA LITERÁRIA E O JORNALISMO CULTURAL

Laio Monteiro Brandão¹
Joelma Santana Siqueira²

RESUMO: Nas últimas décadas, a crítica literária jornalística vem encontrando alguns impasses, principalmente em relação à velocidade do mercado editorial e da informação, em detrimento do espaço físico cada vez menor, impedindo a possibilidade de aprofundamento nos temas abordados. A partir do debate sobre as funções, características e dificuldades da atividade crítica, o presente artigo busca apresentar algumas sugestões sobre as áreas do jornalismo crítico, jornalismo cultural e crítica literária baseado nas contribuições feitas por Otto Maria Carpeaux ao longo de sua atividade como crítico, historiador da literatura e jornalista. Sendo assim, buscar-se-á destacar as características fundamentais de Carpeaux em função de seu método a partir da obra *Ensaaios Reunidos*.

PALAVRAS-CHAVE: Otto Maria Carpeaux; Jornalismo Crítico; Crítica Literária; Literatura Comparada.

ABSTRACT: In recent decades, the journalistic literary criticism has found some dead ends, especially for the speed of publishing and information, to the detriment of the over and over small physical space, hindering the possibility of to get deep into the discussed topics. From the debate about the functions, characteristics and difficulties of the criticism activity, the current article intends to introduce some suggestions upon the critical and cultural journalism and the literary criticism based on the contributions done by Otto Maria Carpeaux along his activity as a critic, literature historian and journalist. Thus it will intend to point the fundamental characteristics of Carpeaux in function of his method, according to his book *Collected Essays*.

KEYWORDS: Otto Maria Carpeaux; Critical Journalism; Literary Criticism; Comparative Literature.

1 Crítica literária e crítica jornalística

A crítica literária é matéria antiga nos estudos culturais e até mesmo nas faculdades de Letras. Por vezes, rivaliza com a própria literatura, tanto em estilo quanto em audiência. Como disseram Daniel Pageaux (2011) e Sandra Nitrini (1997), a comparação e a crítica são atividades que demandam método, e sobretudo abrangência de referências, por precaução de determinismo e pelo universo de fatores que influem na produção e emanam de sua interpretação:

uma proposta implícita de um modelo ideal de comparatista: procurar ler tudo o que for possível das literaturas e culturas disponíveis, nas línguas originais, para compor um quadro de referência; na pesquisa, apresentar suas próprias hipóteses e metodologias; ler cuidadosamente sobre tudo que vai escrever ou

¹ Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), com ênfase em Crítica Literária e Literatura Comparada. Bolsista Capes. E-mail: brandaolaio@gmail.com

² Professora do curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Possui graduação em Letras pela mesma instituição, mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e doutorado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: jandraus@ufv.br

falar; escrever e falar de modo claro; ter consciência de que idéias são importantes e devem, também, se apresentar, enraizadas em circunstâncias históricas. (NITRINI, 1997, p. 36).

Na imprensa brasileira do século XIX, Machado de Assis aproximou o crítico literário do legislador, e ressaltou que para a representação literária, como para a representação política, era preciso mais que um simples desejo de falar à multidão. Não era o que acontecia na época em questão, pois considerava que, infelizmente, era a opinião contrária que dominava, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, era exercida “pelos incompetentes”. Machado de Assis destacava a seriedade e a responsabilidade do trabalho do crítico literário na formação da literatura nacional, uma vez que propõe que com a reforma da crítica, realizada a longo prazo,

a arte tomaria novos aspectos aos olhos dos estreates; as leis poéticas, – tão confundidas hoje, e tão caprichosas, – seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções, – e a literatura alimentada ainda hoje por algum talento corajoso e bem encaminhado, – veria nascer para ela um dia de florescimento e prosperidade. Tudo isso depende da crítica. Que ela apareça, convencida e resolvida, – e a sua obra será a melhor obra dos nossos dias (ASSIS, 2011, p. 12).

Diante do exposto, poderíamos perguntar: como atua a crítica na construção de uma cultura e divulgação do universo simbólico dos bens culturais, de forma ampla, potencializando ao máximo essa construção? Onde estaria a função do crítico de avaliar de forma fundamentada a produção artística, de uma maneira que contextualize a obra em relação à sua época, atuando como um mediador que trabalha, por sua vez, entre o artista e o público?

A crítica não é um ato isolado, uma vez que ela sinaliza quais obras devem ser consumidas ou não, localizando-se, assim, em uma lógica de mercado maior do que ela própria. Para que a legitimação do crítico aconteça, enquanto formador de opinião, ele precisa acumular credibilidade conferida pelo público, o que possibilita seu reconhecimento e a ocupação de uma posição que lhe confere credibilidade. Para Daniel Piza, uma vez que

[...] a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. (PIZA, 2004, p. 45).

Além da função admitida pelo papel da crítica, seu caráter jornalístico recebe outras atribuições adicionais frente à crítica acadêmica. A crítica como registro da opinião de um período e criação de uma memória não factual – função social legada ao jornalismo. Todavia,

o julgamento do escriba periódico traz consigo a responsabilidade de ser crivo público do material produzido, já que como emissor de uma mensagem em meio de massa, a promoção ou o total descrédito do artista reportado pode variar tanto mais o jornal seja vendido ou não. O que implica num compromisso moral e ético do crítico com seu objeto de análise. Gonzaga Duque alertava:

A crítica desaforada e ímpia traz a descrença como traz o desleixo, e, assim estraga um indivíduo que poderia ser um excelente pintor, um magnífico estatuário, ou um delicado escritor. Entretanto, compreende-se que o crítico empregue esta energia toda quando se acha de frente com um tolo, um boçal, um sujeito despido de instrução e de talento. Mas que, num ímpeto feroz, agarre um artista e o jogue lá, no lodo; é ser muito mau, ou, para ser mais correto, é correto, é preciso que o raivoso criticista seja demasiadamente truão e irrisoriamente parvo. (DUQUE, 2001, p. 45).

Como destacou Antonio Candido (1999), a partir da década de 1940, o número de faculdades e de estudos das letras foi aumentando consideravelmente, e hoje se tem um número muito maior de estudos e monografias a respeito da literatura brasileira. Essa condição, porém, vai na contramão do espaço reservado aos jornais para o debate público da literatura, o que reforça a importância do papel do crivo utilizado pelo crítico na divulgação do repertório escolhido por ele, em tempos de diminuição de espaços e competição de meios.

Esquecida por muito tempo, a proeminência da volumosa obra de Otto Maria Carpeaux tem sido reavivada e retornado ao cânone de referências literárias como exemplo de documentação histórica, crítica e cultural, enquanto contribuição para construção do imaginário literário brasileiro.

2 Carpeaux, um crítico humanista

Austríaco radicado no Brasil, Otto Maria Carpeaux chegou ao país em 1939, evadindo-se de Viena em fuga da perseguição nazista. Ignorante da língua portuguesa e leigo de tudo que fosse referente à cultura nacional, Carpeaux, tendo superado todas as dificuldades de sua chegada, dominou a língua – da qual, mais tarde, viria a demonstrar não só domínio técnico, mas estilístico – e começou a fazer o que lhe era vocação: jornalismo crítico. Conforme observa Ronaldo Fernandes,

Atuando principalmente no final do segundo e terceiro quartéis do século XX, Carpeaux não apenas trouxe em sua bagagem de exilado toda a vasta cultura humanística europeia, mas também se aclimatou e esteve atento à produção literária brasileira. Chegou ao Brasil em 1939, mas demorou a ingressar no meio literário, já que andou pelo Paraná e, depois, por São Paulo. Foi Álvaro

Lins, no Rio de Janeiro, quem lhe abriu as portas da vida cultural brasileira a partir de uma carta de Carpeaux comentando-lhe um artigo. (FERNANDES, 2011, p. 9).

Otto Maria Carpeaux foi responsável pela divulgação e publicitação de autores brasileiros na imprensa e no mercado editorial, mas foi, também, mentor involuntário e referência de um par de gerações e desmistificador das letras brasileiras no momento em que as estudava em profundidade, tendo no horizonte de expectativa diálogos com o pensamento universal e com literaturas estrangeiras. Como aponta Fernandes na introdução de *História da Literatura Ocidental*:

Os grandes autores do período foram acuradamente estudados (um elenco incomparável e uma hermenêutica rigorosa). Nele também está incluído o nosso Romantismo com substancial contribuição para entendimento de autores brasileiros como José de Alencar, Castro Alves, Álvares de Azevedo e até mesmo o Machado de Assis da sua primeira fase, cunhada de romântica. Ainda neste terceiro volume estão o Realismo e o Naturalismo e seu espírito de época. Balzac, Machado, Eça, Tolstoi, Zola, Dostoiévski, Melville, Baudelaire, e mais Aluísio Azevedo, Augusto dos Anjos, Graça Aranha e Mário de Andrade, entre tantos autores, aqui são estudados para expressar um período de grande transformação social com o aparecimento do marxismo e das lutas sociais mais politizadas. (FERNANDES, 2011, p. 12).

A chegada de Carpeaux ao Brasil, como vimos, é posterior a alguns dos processos mais marcantes da história literária brasileira. Sua chegada quase 20 anos após a Semana de 22, e seu conhecimento enciclopédico da alta cultura europeia, davam-lhe não só embasamento e fontes de referência amplos e universais, mas distanciamento histórico do processo. Tendo-se em vista a Semana de 22 como o marco de transformação das artes brasileiras – Literatura aí inclusa –, resultado do movimento modernista que crescia, amadurecia e se fortalecia, e que Carpeaux surge no cenário da crítica nacional posterior a esse período de maior efervescência, sua visão não se torna tão sujeita a obnubilações de contexto, como estiveram seus pares de ofício.

O distanciamento permitiu a Carpeaux uma visão ampla, contextualizada e assentada num processo cronológico – permitiu a observação do todo até aquele período, resultando, no ano de 1945, seis anos após sua chegada ao país, na *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Erudito, o crítico possuía vasta biblioteca em Viena, da qual resgatara somente alguns livros, em sua fuga do nazismo. Seu referencial cultural pode ser um visto como um aspecto diferencial na construção de sua análise. De acordo com Fábio Lucas,

era de pasmar o caráter enciclopédico da escrita de Carpeaux. Isso irritava certos eruditos provincianos, habituados a se consagrarem pelo simples aspecto quantitativo de citações em seus trabalhos. A crítica que se fazia no Brasil há tempos (dela ainda há reminiscências) se distinguia pelas contorções do texto para encaixar nele um nome ou uma frase de prestígio, reproduzindo o espírito colonial como uma sala de espelhos. (LUCAS, 1983, p. 25).

Além de doutor em química, Carpeaux educou-se consistentemente em Direito e Filosofia (em Viena), Ciências Matemáticas (em Leipzig), Sociologia (em Paris), Literatura Comparada (em Nápoles) e Política (em Berlim) (BOSI, 1981), daí a aptidão quase natural ao comparatismo, de modo que este campo do conhecimento fosse o único que comportasse a vastidão de referências e perspectivas sob as quais poderiam se dar sua atividade crítica. Pois, como relata Sandra Nitrini a respeito das diferenças, escolas e definições acerca do comparatismo em Literatura Comparada:

Literatura comparada é o estudo da literatura, além das fronteiras de um país particular, e o estudo das relações entre literatura, de um lado, e outras áreas do conhecimento, e da crença, tais como as artes (ex.: pintura, escultura, arquitetura, música) filosofia, história, ciências sociais, religião etc., de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com uma outra, ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão (REMAK *apud* NITRINI, 1997, p. 28)

Carpeaux faleceu em 1978; porém, apenas em 1999 teve início o reavivamento de sua obra. *Ensaios Reunidos I* é a reunião que traz em suas 928 páginas 170 ensaios publicados por Carpeaux em livros de 1942 a 1978.

Além dos livros, como destacou Mauro Souza Ventura (2012), Carpeaux exerceu atividade crítica na imprensa brasileira ao longo de quase quatro décadas. Observando os princípios que nortearam a crítica de Carpeaux produzida para jornal – “nitidez argumentativa”, “interesse público”, “gancho factual”, “público-alvo não especializado”, pressupondo “quase sempre, uma análise crítica e uma tomada de posição explícita, resultando assim numa visão global sobre os objetos estudados” –, Ventura propôs que:

a crítica literária de Otto Maria Carpeaux sofreu os efeitos da falta de legitimidade de seus contemporâneos nas décadas de 1940-50, fato que pode ser observado no tratamento periférico a ele conferido pelo campo das instâncias de consagração – leia-se mercado editorial. (VENTURA, 2012, p. 143).

3 O método crítico comparativo de Otto Maria Carpeaux

Em “Uma Fonte da Filosofia de Machado de Assis”, ensaio publicado em *Respostas e Perguntas* (1953), Carpeaux dá amostras precisas de seu método. Analisando um tema em

específico, ele excetua todos os outros elementos que compõem a obra e são, geralmente, abordados pela crítica, buscando tão somente elucidar o caráter filosófico de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Privando-se de comentar a dimensão social da história, o caráter não linear da narrativa, o aspecto metalinguístico e outras questões consagradas na obra, Carpeaux pousa os olhos sobre aquilo que seria o princípio do *humanitismo* machadiano, mais bem-acabado em *Quincas Borba*.

Machado foi leitor assíduo de Schopenhauer, e este, por sua vez, foi grande admirador de Leopardi. Voltarei a esse ponto. Em todo caso, o autor do delírio de Brás Cubas reconhecido teria em Leopardi mais que um poeta melancólico e sim um pensador poético ao qual o ligavam profundas afinidades. O delírio de Brás Cubas é da mesma Lucidez das “Operettemorali” que são o documento principal da filosofia leopordiana. (CARPEAUX, 1999, p. 478).

Na análise da filosofia contida no romance de Brás Cubas, Carpeaux vai buscar no poeta italiano Giacomo Leopardi e no filósofo alemão Schopenhauer a base de sustentação para o elemento por ele identificado na obra. Ao confrontar as características de cada um, o crítico vai encontrando pontos convergentes em suas obras, bem como mostrando a relação entre eles. Demonstração não só de capacidade analógica, mas também conhecimento filosófico, trazendo ao leitor o diálogo entre os autores, relação que Carpeaux foi buscar em Benedetto Croce, para estabelecer o fio comparativo entre literaturas cuja substância fundamental transcende o tempo e o espaço e pode encontrar com seus pares em qualquer período ou geografia. Nesse sentido, vale lembrar palavras dos comparatistas Pageaux e Machado:

A Literatura Comparada, pela abertura que suscita e que pratica na direção das literaturas e das culturas estrangeiras, pela tônica que põe no caráter relacional dos textos literários e dos factos culturais, pode e deve assegurar este indispensável alargamento dos campos de investigação, já praticado pelos historiadores, às questões menos literárias que culturais. Trata-se dum verdadeiro reequilíbrio dos estudos literários, que só poderá ser obtido se a nossa disciplina se abre, mais nitidamente do que num passado recente, às ciências sociais e humanas, às ciências do homem (PAGEAUX; MACHADO, 1990, p. 151).

Seu método não só analisava o tema-objeto, como apresentava as fichas de quem a compunha: era faustosa a lista referencial e o universo de possibilidades analíticas a que o velho austríaco poderia recorrer. Em *Ensaio Reunidos I*, o índice onomástico traz aproximadamente 1988 referências, que vão de Bach a Lêdo Ivo, de Brahms a Drummond, de Kafka a Karl Popper, entre outros artistas, santos, políticos, filósofos e, sobretudo, escritores.

Se em Croce (2001) Carpeaux encontrou a arte como meio de sobrevivência do “espírito”³, de Weber assimilou a compreensão sociológica das épocas e a individualização estilística dos autores, observando-os para além do determinismo social como entes dotados de alguma expressão genuína. Já de Wilhelm Dilthey assimilou a necessidade de compreender os fenômenos humanos e sociais, buscando para isso não as causas, mas a intenção e o sentido subjacentes a eles, de modo que a literatura fosse não um objeto isolado, mas um elemento explicativo da realidade, pois “os poetas são os nossos órgãos para compreender o mundo” (DILTHEY *apud* CARPEAUX, 2011).

Para o austríaco, o estudo e compreensão da literatura era, então, uma forma de compreender o mundo enquanto universo das relações da natureza humana, na mesma linha de Edward Said (2007), para quem o humanismo não deve ser postura despropositada e erudição oca, mas consciente de “que também desejam conectar esses princípios ao mundo em que vivem como cidadãos”. Como afirma Alfredo Bosi:

Para Carpeaux, cujo pensamento remonta de Dilthey e Hegel, e que nunca foi afetado pela Sociologia positivista, a literatura não é só, nem principalmente, o espelho das estruturas dominantes, mas um campo minado de tensões. O grande escritor é uma antena capaz de apreender os sinais de fratura entre épocas, entre classes, entre grupos, entre indivíduos e entre momentos dilacerantes de um mesmo indivíduo. (BOSI, 2002, p. 39).

A linha adotada pelo austro-brasileiro pode ser vista como *de* encontro ao que Terry Eagleton (1985) reivindicou ser a parte faltante da crítica literária, apontada por ele como sendo causa do domínio da cena crítica pelo que chamou “humanista liberal”. Nos termos desse autor, Carpeaux seria, em suma, um humanista liberal. Eagleton argumenta que a moralidade e a política andam juntas, e, portanto, o uso da literatura por humanistas liberais se limita à moralidade, excluindo o fator político justificado por ela e por isso, limitando, também, a análise. Para ele, tal estilo/método crítico é uma “ideologia moral dos bairros elegantes”, limitada, na prática, a questões altamente impessoais. Ele (o humanista liberal) é mais severo com o adultério do que com os armamentos, e sua valiosa preocupação com a liberdade, a

³ Em acordo com a filosofia histórica de Hegel, Croce deu prosseguimento à história da arte, enquanto influência estética cuja dinâmica reside no fato de que, muito embora haja rupturas entre movimentos, escolas e artistas, há sempre uma partícula essencial que permanece. Dessa forma, a eterna estrutura tese-antítese-síntese, nunca nega completamente seu antecessor, de modo que o diferente e o contraditório nunca sejam o perfeito oposto, sempre havendo uma continuidade na negação, ou mesmo na superação. Cf. CROCE (2001, p. 71): “De modo que, considerando a questão em geral, parece não haver outro modo de pensar a independência e dependência concomitante das várias atividades espirituais senão concebê-las numa relação de condição e condicionado, em que o condicionado supera a condição pressupondo-a e, tornando-se por sua vez condição e dando lugar a um novo condicionado, constitui uma série de desenvolvimento.”

democracia e os direitos do indivíduo, simplesmente não é bastante concreta (EAGLETON, 1985). Esse aspecto de sua crítica merece mais reflexões que não caberiam no âmbito do presente trabalho.

Por outro lado, a linha adotada pelo austríaco poderia ser vista como indo *ao* encontro do proposto por Northrop Frye – este que foi objeto de críticas do próprio Eagleton. Segundo Frye, um dos sete passos para aquilo que ele denominou como *O Caminho Crítico* era a necessidade de a crítica ser capaz de alinhar um contexto histórico na atividade crítica, evitando assim o estrangulamento da realidade numa teoria prévia:

A crítica precisa desenvolver um senso de história dentro da literatura para complementar a crítica histórica, que estabelece uma relação entre a literatura e seu fundo histórico não-literário. Da mesma maneira, ela precisa desenvolver sua própria forma de abordagem histórica em cuja base a literatura está mais dentro do que fora. Ao invés de amoldar a literatura a um esquema de história pré-fabricado, o crítico deve vê-la como uma estrutura coerente historicamente condicionada, mas forjando a sua própria história, respondendo a um processo histórico externo, mas não determinada por ele no que diz respeito à sua forma. [...]. Estes princípios estruturais são largamente ignorados pela maioria dos críticos sociais. Sua maneira de tratar a literatura, em consequência, é geralmente superficial, um pretexto para distinguir nas obras literárias coisas que se mostram interessantes por razões não-literárias. (FRYE, 1973a, p. 22).

Finalizando seu ensaio, Carpeaux enfim define a relação entre Leopardi e Machado, citando ao longo do ensaio personagens e passagens de obras que ilustram aquilo que seria o ponto nevrálgico da filosofia de ambos – a fonte que levou Machado à sua verve filosófica. A descrença na vida e o pessimismo por dias melhores neste mundo do jeito que é.

Machado de Assis embora espirituoso, não foi um cético; ele também – “a vida é boa” – foi materialista. Em Leopardi também se encontra o motivo que sugere a impressão de cepticismo ao leitor de Machado de Assis. Como materialistas epicureus, o erudito grecista Leopardi e “mulato grego” Machado seriam “pagãos”; mas na verdade não podem existir pagãos depois do advento do cristianismo. Fica, até nos anticristãos, estímulo da inquietação espiritismo, do cepticismo pascaliano. Machado foi leitor de Pascal, Leopardi também foi leitor de Pascal; o famoso “Pari” inspirou-lhe as demonstrações lógicas do diálogo de vendedor de almanaques, sobre o valor do futuro. Mas por serem pascalianos, ainda não eram cristãos: Leopardi consolava-se com a “morte eterna” (“a matéria liberta para sempre da alma extinta”, diz o nosso poeta), e o outro com o pensamento de não ter transmitido “a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Egoísmo? O “epicurismo” lendário é egoísmo, mas o verdadeiro epicurismo não é. O “cântico do galo silvestre” ensinou ao poeta, despertando-o do sono das “imagens vãs”, a seguir o seu fado, “com ânimo forte e sereno”. O outro, quando o galo da madrugada o despertou da agonia, pôde dizer: “A vida é boa”. Pois então, não havendo mais futuro, é boa. (CARPEAUX, 1999, p. 480).

Tomando como referência e amostra a análise a respeito de Brás Cubas fica explícito o caminho escolhido por Carpeaux: ao privilegiar a dimensão filosófica do romance, ele evidencia a ideia subjacente à história. Detendo-se na análise do enredo, das alegorias e da estrutura do romance, tanto mais se distancia do caráter resenhista do contexto crítico-jornalístico que percorre a atualidade. Apegando-se ao que ela tem de perene e propriamente literário, efetiva seu papel de crítico, mediante seu método de expor ao público aquilo que a obra tem a dizer à humanidade. Ou, como analisa Ventura (2002), para Walter Benjamin o real valor literário da obra era a humanidade do escritor capaz de transpor em forma artística conteúdo simbólico, o único capaz de superar a aridez do tempo, eliminando traços históricos e o ambiente em que nasceu (no caso de Brás Cubas, por exemplo, a sociedade carioca como pano de fundo), restando apenas seu “conteúdo de verdade”, restando apenas os valores permanentes depois que o contexto se apaga.

Ao submetermos o método do austríaco a ambos os teóricos mencionados, nota-se a maior proximidade com Frye. Apegando-se ao substancial, à visão de mundo ali exposta por Machado, estabelecendo diálogo deste com a poesia italiana e a filosofia alemã, Carpeaux evidencia parte do imaginário literário machadiano trazendo não o que o autor diz sobre o Brasil, mas sobre o mundo; a representação do que seria para Carpeaux uma alta literatura nacional, capaz de dialogar para além de suas fronteiras, mediante o caráter universal de sua construção, embora inevitavelmente marcada pelos aspectos sociais locais circundantes ao autor. Pois “é o problema escolhido, o campo de investigação delimitado que impõem um ou mais métodos e não o contrário (como o fazem ainda numerosos ‘críticos’...)” (PAGEAUX; MACHADO, 1990, p. 150).

Considerando seus ensaios publicados ao longo de quase quatro décadas de atividade jornalística, Carpeaux cumpriu também o papel de filtro e mediador – natural da atuação do crítico, quer queira ele ou não, como apontou Northrop Frye, que “é missão do crítico público mostrar como um homem de gosto usa e avalia a literatura, e assim apontar como a literatura deve ser consumida pela sociedade” (FRYE, 1973b, p. 16).

Ressaltando a importância da formação pessoal de um crítico, em Carpeaux o aprofundamento e amplitude de fontes ficam evidentes na variedade de mais de 2500 citações referidas no índice onomástico, constantes nos 205 ensaios presentes em *Ensaaios Reunidos II*, que reúne sua crítica publicada originalmente em jornal. Era favorável o formato de ensaio às análises do austríaco, com espaço mais amplo nas páginas dos periódicos, que lhe davam possibilidade de aprofundamento. Porém, uma vez que a resenha assume o lugar da crítica, resta

para o jornal o que Alcir Pécora respondeu quando questionado sobre as consequências práticas do desaparecimento da crítica literária do jornal nos últimos trinta anos:

Entre outras consequências, no jornal, a principal foi a predominância do release, do marketing, da divulgação editorial ligeira e interesseira sobre a análise detida das obras e a reflexão aprofundada sobre temas literários. Na universidade, a principal consequência foi a dificuldade de se lidar com objetos contemporâneos. (PÉCORA, 2014)

E é em parte porque a crítica tem espaço diminuto no jornalismo cultural que investigar a atividade crítica de Carpeaux possibilita-nos discutir uma série de assuntos relevantes para os estudiosos da cultura, relacionados com questões que vão desde a metodologia do trabalho crítico até à história do jornalismo cultural, para citarmos dois exemplos apenas. Sua obra apenas recentemente vem sendo objeto de estudos acadêmicos e permanece aquém de seu lugar de direito no pensamento e intelectualidade brasileiros.

4 Considerações finais

Dessa forma, apesar do encurtamento de espaços, o processo dialético local *x* universal, no curso da história literária, pode contribuir para a formação do imaginário de determinado grupo, através da acumulação de um *background* cultural-literário formado pelos veículos de massa. Dentro da história da literatura, Carpeaux permite a identificação desse fio histórico na formação da literatura brasileira, que a conecta com o pensamento universal e a partir deste devolve a síntese do que fora absorvido, pois “cada período recria, a seu modo, a unidade dialética entre o antigo e novo” (NITRINI, 1997, p. 54).

Valorizando os clássicos e cânones, conectando-os com elementos culturais e artísticos nativos, é assim que críticos podem produzir narrativas, que multiplicadas e somadas umas às outras, ainda que em menor espaço, podem contribuir pouco a pouco para a construção de um ambiente cultural amplo. Visto que atualmente o poder de penetração da crítica como elemento de formação está majoritariamente concentrado na atividade crítica jornalística, como apontam Nercolini e Waltenberg,

parece que aquela que, a duras penas, ainda permanece e se sustenta no espaço público tradicional é a crítica jornalística, mesmo que com espaço cada vez mais reduzido e que venha, cada vez mais, assemelhando-se a resenhas, enfocando na descrição da obra, mantendo uma suposta objetividade, com poucas considerações contextuais sobre a produção analisada e pouca tomada de posição (NERCOLINI; WALTENBERG, 2010, p. 228).

E, ressaltando autores supracitados ao longo deste trabalho, faz-se necessário uma visita aos grandes modelos de referência, aqui representados pela figura de Otto Maria Carpeaux, em cuja erudição e formação intelectual e cultural encontra-se uma alternativa potencial da crítica contemporânea, pois que numa era de redução de espaços nas redações, o crítico e o jornalista têm uma relação com seu ambiente cultural de que, elevando-se, elevam-no.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. *O Jornal e o Livro*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Les affinités électives de Goethe. In: *Oevres I: Mythe et violence*. Trad. Maurice de Gandillac. Paris: Denoël, 1971. p.161-162.
- BOSI, Alfredo. *História concisa de literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira (resumo para principiantes)*. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Respostas e Perguntas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953. (Os Cadernos de Cultura.)
- CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio Reunidos*. São Paulo: Topbooks, 1999. v. 1.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio Reunidos*. São Paulo: Topbooks, 2006. v. 2.
- CARPEAUX, Otto Maria. Introdução. In: _____. *História da Literatura Ocidental*. São Paulo: Leya, 2011. v. 1, p. 9-19.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Caminhos Para Roma*. São Paulo: Vide Editorial, 2014.
- CROCE, Benedetto. *Breviário da estética*. Tradução de Rodolfo Ilari Jr. São Paulo: Ática, 2001.
- DUQUE, Gonzaga. *Impressões de um Amador: Textos Esparsos de crítica (1882-1809)*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*. Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 267-297.
- FERNANDES, R. História da literatura ocidental: a obra monumental de Otto Maria Carpeaux. In: CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. São Paulo: Leya, 2011. p. 9-23.
- FRYE, Northrop. *O Caminho Crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1973a.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973b. p. 01-36.
- GOMES, E.; KASSAB, A. *A Crítica Morreu?* Entrevista com Alcir Pécora, Moacir Amâncio e Paulo Franchetti. Disponível em <http://www.geminaliteratura.com.br/palavrascruzadas_set.htm>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- LUCAS, Fábio. Biblioteca de Otto Maria Carpeaux. In: _____. *Crítica sem Dogma*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983. p. 21-29.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel Henri. *Da Literatura Comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 117-193.

- NERCOLINI, Marildo José; WALTENBERG, Lucas. Novos mediadores na crítica musical. In: SÁ, Simone Pereira de (Org.). *Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 227-248
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: EdUSP, 1997.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. *Musas na encruzilhada: Ensaio de Literatura Comparada*. São Paulo: HUCITEC/UFSM, 2011.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 09-46.
- VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- VENTURA, Mauro Souza. O lugar de Otto Maria Carpeaux no campo da crítica. *Revista USP*, São Paulo, n. 95, p. 142-149, set./nov. 2012.

Artigo recebido em setembro de 2015.
Artigo aceito em outubro de 2015.